

**Trecho do livro História: Sociedade e Cidadania 8º Ano - Prof. Boulos.  
Capítulo 6, página 90.**

### Colonização inglesa da América

A primeira tentativa inglesa de colonização da América se deu no reinado da poderosa Elizabeth I. Em 1585, essa rainha deu permissão a um nobre inglês, Sir Walter Raleigh, para iniciar a colonização da parte norte da América.

Sir Raleigh fundou um pequeno povoado, na costa leste da América, o qual batizou de Virgínia. Mas essa primeira experiência inglesa de colonização da América fracassou, e esse fracasso deveu-se, sobretudo, à fome, às doenças e à resistência indígena.

### A segunda tentativa inglesa

No início do século XVII, a monarquia inglesa fez uma nova tentativa: confiou a duas grandes companhias de comércio a tarefa de iniciar a colonização da América do Norte. Essas companhias eram formadas por comerciantes interessados no transporte de pessoas e mercadorias com a intenção de lucro; eram, portanto, empresas capitalistas.

Para atrair pessoas, essas companhias lançaram uma propaganda prometendo terras férteis e uma nova vida àqueles que embarcassem para a América. Na Inglaterra, essa propaganda atraiu pessoas de diferentes origens e condições sociais, entre as quais cabe citar: degredados; aventureiros; mulheres pobres (vendidas aos colonos como esposas); camponeses sem terra, que, muitas vezes, iam trabalhar como servos temporários; grupos religiosos protestantes ingleses – puritanos, batistas, presbiterianos e outros que fugiam da Inglaterra devido à perseguição política e religiosa movida pela monarquia inglesa.

Além dos ingleses, outros europeus de diferentes origens (escoceses, irlandeses, alemães, franceses e holandeses) foram para a América do Norte em busca de uma vida melhor. Esses grupos todos constituíram inicialmente a população das Treze Colônias da América do Norte, que podemos agrupar em: colônias do Norte ou Nova Inglaterra, colônias do Centro e colônias do Sul. Observe o mapa.



## Economia colonial

O desenvolvimento das Treze Colônias variou de acordo com as condições geográficas e os interesses dos colonos.

As colônias do Sul se desenvolveram com base na grande propriedade escravocrata, a plantation, onde geralmente se explorava um único produto (tabaco, algodão ou anil) destinado ao mercado externo. Os fazendeiros sulistas vendiam seus produtos para a Inglaterra e dela compravam quase tudo de que necessitavam.

Aos poucos, os sulistas foram substituindo os servos brancos por africanos escravizados originários da África ocidental. Entre 1620 e 1860, cerca de 400 mil africanos foram levados para a América do Norte para trabalhar como escravizados. Com isso, formou-se na região uma sociedade escravista marcada por grandes desigualdades.

Já as colônias do Centro-Norte desenvolveram-se com base na pequena propriedade, na policultura, na produção de manufaturas e no comércio triangular: um comércio lucrativo que envolvia a América do Norte, a África e as Antilhas (na América Central).

Entenda o funcionamento do comércio triangular:

Passo no 1: usando navios próprios, os colonos do Norte conseguiam melaço nas Antilhas e o transformavam em rum.

Passo no 2: trocavam rum, armas e tecidos por pessoas escravizadas na costa ocidental da África.

Passo no 3: em seguida, levavam os escravizados para serem vendidos nas fazendas das Antilhas e de lá voltavam com mais melaço de cana para transformar em rum.



Fonte: NARO, Nancy P. S. *A formação dos Estados Unidos*. 3. ed. São Paulo: Atual; Campinas: Unicamp, 1987. p. 15. (Discutindo a História).

Essas diferenças entre o Centro-Norte e o Sul refletiam-se no relacionamento dessas áreas com a metrópole. Enquanto o Centro-Norte foi se desenvolvendo com certa

independência econômica e financeira, o Sul evoluiu mantendo estreita dependência da Inglaterra.

No aspecto político, as Treze Colônias desenvolveram-se com grande autonomia. Cada colônia tinha sua assembleia, que era encarregada de elaborar leis, votar o orçamento e administrar o recolhimento dos impostos. Assim, desde cedo os colonos americanos desenvolveram hábitos e sentimentos de autonomia em relação à metrópole inglesa. A força política e econômica dos colonos americanos ajuda a explicar sua capacidade de resistência e organização.

### A Inglaterra aperta o laço

No século XVII, primeiro século da colonização da América do Norte, a Inglaterra quase não interferiu nos assuntos internos das Treze Colônias. No século seguinte, porém, a Inglaterra mudou sua política colonial e passou a oprimir suas colônias na América. Entre os motivos que levaram a essa mudança na política colonial inglesa cabe citar:

- a) a concorrência que as mercadorias norte-americanas faziam às inglesas no mercado externo;
- b) as guerras em que a Inglaterra se envolveu: a Guerra Franco-Índia, iniciada em 1754, quando os colonos norte-americanos invadiram as terras indígenas situadas além dos Montes Apalaches, provocando a reação dos franceses que lá viviam e dos indígenas aliados a eles; a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), motivada pela disputa entre a França e a Inglaterra por terras situadas na África, na Ásia e na América do Norte. A Inglaterra venceu as duas guerras, mas saiu delas financeiramente abalada e, para recuperar-se, aumentou os impostos pagos pelos habitantes das Treze Colônias.



Fonte: VIDAL-NAQUET, Pierre; BERTIN, Jacques. *Atlas histórico*. Lisboa: Circulo do Livro, 1990. p. 208.

## O processo de independência

Na segunda metade do século XVIII, a Inglaterra impôs uma série de leis opressivas que afetavam duramente os colonos norte-americanos. Conheça, a seguir, algumas delas.

**Lei do Açúcar (1764):** aumentava os impostos que os colonos deviam pagar sobre o melão, o vinho, o café, a seda e o linho nos seus portos. Também obrigava os colonos a comprar o melão (para fazer o rum) das Antilhas inglesas.

Antes, os colonos compravam melão de quem vendesse mais barato, as Antilhas francesas ou as holandesas. Os colonos organizaram vários protestos, mas não foram ouvidos.

**Lei do Selo (1765):** dizia que todos os contratos, jornais, cartazes, cartas e certidões que circulavam nas Treze Colônias deviam receber um selo, comprado do governo inglês. Os colonos reagiram invadindo agências postais e queimando maços de selos. E iniciaram uma campanha com o lema “Sem representação não pode haver tributação”, isto é, se não tinham sido consultados, não podiam ser taxados. A Inglaterra acabou suspendendo a lei, mas, no ano seguinte, lançou novos impostos.

**Lei do Chá (1773):** a Inglaterra entregou à Companhia das Índias Orientais, sediada em Londres, o controle sobre a venda do chá para as Treze Colônias. Disfarçados de índios Mohawk, cerca de 150 colonos invadiram três navios ingleses no porto de Boston e atiraram o chá ao mar. Foi a chamada Festa do Chá em Boston (Boston Tea Party).

**Leis Intoleráveis (1774):** em resposta ao episódio do chá, a Inglaterra decretou um conjunto de leis que os colonos norte-americanos consideraram intoleráveis; são elas:

- a) o fechamento do porto de Boston até que os colonos pagassem os prejuízos causados com o derramamento do chá no mar;
- b) a ocupação de Massachusetts pelo exército inglês;
- c) o julgamento dos colonos rebelados por tribunais ingleses.

## O movimento de independência

Naquele mesmo ano, os representantes das colônias organizaram o Primeiro Congresso Continental da Filadélfia, no qual redigiram um protesto contra as Leis Intoleráveis.

O governo inglês respondeu ordenando a destruição de um depósito de armas dos colonos; estes reagiram e tiveram início as batalhas de Lexington e de Concord (1775), as primeiras da guerra pela independência.

Os representantes das colônias organizaram, então, o Segundo Congresso Continental da Filadélfia, que, depois de intensos debates, optou pela separação: conclamou os cidadãos às armas e nomeou George Washington comandante das tropas norte-americanas.

Em 4 de julho de 1776, ficou pronta a Declaração de Independência, por meio da qual eles declararam-se “livres e independentes” da metrópole inglesa; seu principal autor foi Thomas Jefferson.

Na Declaração de Independência, inspirados nas ideias de John Locke, os colonos defendiam a resistência à tirania e o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade.

A guerra dos “patriotas” contra os “jaquetas-vermelhas” foi difícil e se estendeu por cerca de seis anos. Ao vencer a Batalha de Saratoga (1777), os colonos atraíram o apoio da França, da Espanha e da República das Províncias Unidas (Holanda) – antigas rivais da Inglaterra –, que passaram a ajudá-los com armas, soldados e dinheiro. Com a ajuda externa, os norte-americanos conseguiram vencer a luta e, em 1783, pelo Tratado de Paris, a Inglaterra reconhecia a independência das Treze Colônias. Era o primeiro país da América a tornar-se independente.

## **A Constituição dos Estados Unidos**

Os Estados Unidos estavam livres. Era preciso, agora, organizar o novo país, definindo os direitos e deveres dos cidadãos. A Constituição do país ficou pronta em setembro de 1787 e é a mesma até hoje, embora tenha recebido algumas modificações (emendas).

A Constituição definia os Estados Unidos como uma república federalista e presidencialista. Federalista porque as ex-colônias, que passaram a ser estados, ganharam autonomia para criar leis próprias, organizar forças militares e pedir empréstimos no exterior.

Os poderes, seguindo a teoria de Montesquieu, ficaram divididos em Executivo, Legislativo e Judiciário. O poder Executivo cabia ao presidente da República, que era eleito indiretamente; os eleitores de cada estado escolhem seus delegados, que formam um Colégio Eleitoral, que, por sua vez, elege o presidente da República. Para exercer o poder Legislativo foi criado o Congresso, composto por duas câmaras: a Câmara dos Representantes e o Senado. O Judiciário era exercido, no âmbito federal, pela Suprema Corte, que deveria garantir o cumprimento das leis.

## **Uma cidadania limitada**

Logo no início da Constituição americana, lê-se: “Nós, o povo dos Estados Unidos [...]”. Será que nesse “nós” estavam incluídos todos os habitantes do novo país?

A resposta é não, a começar pelos indígenas. Para os indígenas, a independência traria prejuízos, pois, a partir de então, aumentou a pressão dos colonos sobre as terras indígenas a oeste do Mississípi. Para os descendentes dos africanos, a independência nada significou. Os negros escravizados (mais de meio milhão de pessoas) continuaram na mesma condição. As mulheres, por sua vez, foram excluídas do direito de voto.

Na prática, portanto, a expressão “Nós, o povo dos Estados Unidos” referia-se apenas aos homens adultos e brancos que possuíssem certa renda (da terra ou de investimentos). A maioria dos habitantes dos Estados Unidos foi excluída do processo político.